

A BUSCA POR APROVAÇÃO INERENTE À NATUREZA DO SER HUMANO. UMA TENTATIVA DE DESVELAR O JUÍZO MORAL, A PARTIR DE ADAM SMITH

Guilherme Paulino Mendes¹

Me. Suderlan Tozo Binda²

RESUMO

O presente artigo permeia a problemática de como a necessidade de aprovação inerente ao homem influencia sua conduta moral. Perante isso, tem como objetivo apresentar um estudo que aborda a filosofia, no campo moral, do filósofo escocês Adam Smith, identificando, em sua obra, teorias do sentimento moral, os critérios de aprovação. O texto também intenta a atualização da ideia central de que o homem é carente de reconhecimento e aplausos, e, por fim, traz uma análise do tema, estabelecendo relação com surgimento da pós-verdade. A partir desses objetivos e tendo em vista que a boa conduta é recompensada por aplauso e que, por essa razão, há um afloramento da necessidade de aprovação, conclui-se que ainda hoje isso se faz presente. Ou seja, o artigo mostra que o homem busca a aprovação e ao mesmo tempo aprova a conduta de outrem. Tudo isso por meio de uma releitura bibliográfica da obra "Teoria dos sentimentos morais" e de um aprofundamento no campo da pós-verdade. A partir destas referências, foi realizada uma reflexão sobre o atual contexto da sociedade, concluindo que ainda hoje se toma os sentimentos como principal critério de medida para julgar o outro e as informações, sem a preocupação de uma verificação do real.

Palavras-chave: Simpatia. Aprovação. Conduta. Adam Smith.

ABSTRACT

This article permeates the problem of how the need for approval inherent in man influences his moral conduct. In view of this, it aims to present a study that addresses the philosophy, in the moral field, of the Scottish philosopher Adam Smith, identifying, in his work, theories of moral sentiment, the approval criteria. The text also tries to update the central idea that man is in need of recognition and applause, and, finally, brings an analysis of the theme, establishing a relationship with the emergence of post-truth. Based on these objectives and bearing in mind that good conduct is rewarded by applause and that, for this reason, there is an emergence of the need for approval, it is concluded that this is still present today. That is, the article shows that man seeks approval and at the same time approves of the conduct of others. All this through a

¹ Graduando do curso de Bacharel em Filosofia do Centro Universitário Salesiano de Vitória. E-Mail: Guilherme.Mendes@souunisales.com.br

² Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1997), Pós-graduado em filosofia Clínica pela faculdade de Bagozzi (2002) e mestre em Filosofia Sistemática pela Pontifícia Universitas Gregoriana- Roma – (2006). Atua como professor de filosofia no Centro Universitário Salesiano. E-mail: sbinda@souunisales.com.br.

bibliographical re-reading of the work "Theory of Moral Sentiments" and a deepening in the field of post-truth. From these references, a reflection was carried out on the current context of society, concluding that feelings are still taken as the main criterion of measurement to judge the other and the information, without the concern of verifying the real.

Keywords: Sympathy. Approval. Conduct and Adam Smith.

1 INTRODUÇÃO

A busca de aprovação inerente à natureza humana pode ser definida como a necessidade de encontrar outro sujeito, ou mesmo um grupo, que compartilhe de sentimentos semelhantes àqueles que fizeram com que se tivesse determinada ação. Nas palavras do autor principal, a busca por uma simpatia mútua que proporciona um prazer pleno (SMITH, 1999). Dito isto, o problema surge quando se quer entender como a necessidade de aprovação inerente ao homem influencia sua conduta moral.

A importância de se estudar esse tema se dá pela grande relevância que esse tem em nossa atualidade pelo fato de que de ainda hoje temos esta necessidade, mudando somente o campo de atuação, que com evolução se torna principalmente as redes sociais. Desta maneira, o presente artigo tem como objetivo, compreender a filosofia de Adam Smith e identificar nela o que o pensador traz como critério para aprovação de uma conduta, assim, o tema passa também por uma atualização, aproximando esse pensamento para a sociedade contemporânea, que sofre com o crescente aumento de pós-verdade. Feito isto, percebe-se que na sociedade vigente as pessoas buscam constantemente curtidas, comentários e compartilhamentos, tendo, com essas reações positivas, a noção de aprovação daquilo que se é postado. Desse modo, notamos esta necessidade de reconhecimento abordada pelo filósofo.

No entanto, embora esse tema seja muito relevante em nosso cenário atual, conforme apresentado no estudo "Teoria dos sentimentos morais" (1999) de Adam Smith, podemos, também, justificar sua importância pelo fato de que até o momento foram encontrados poucos trabalhos que discutam esse assunto sob o ponto de vista teórico e contextual. Muito se fala do juízo moral no campo filosófico, mas quase nenhum autor disserta sobre a busca de aprovação e os critérios inerentes a ela.

Desta maneira, se fosse realizar uma revisão da literatura sobre o tema "a necessidades de aprovação inerente a natureza do homem e seus critérios" a partir

da teoria dos sentimentos morais de Adam Smith, isso contribuiria com a ampliação dos conhecimentos dos leitores sobre essa temática específica, pois as revisões têm função de preencher as lacunas existentes na literatura através da combinação de diferentes pesquisas bibliográficas (CORDEIRO, 2017).

Portanto, tem sua metodologia na realização de um estudo de revisão da literatura de Adam Smith em sua obra filosófica “Teoria dos sentimentos morais” (1999), passando por obras que o influenciaram como a de Hume, “Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral” (2003) e alguns artigos acerca da necessidade humana de aprovação publicados nos últimos 10 anos. Todo este caminho é feito com base na necessidade de aprovação inerente a natureza de cada homem a partir de materiais bibliográficos publicados até este ano.

2 SOBRE O AUTOR

2.1 BIOGRAFIA

Adam Smith foi um grande homem conhecido por suas obras sobre economia, sendo considerado, assim, como o pai da economia. De suas obras, a que ganha mais destaque é a “Riqueza das nações” (1776), que defendia e trazia como tema central a noção de que as riquezas de uma nação estavam justamente em sua habilidade de produção.

Entretanto, poucos sabem, mas muito antes desta obra o escocês publicou sua primeira produção, “Teoria dos sentimentos morais”, de cunho filosófico ligado ao modo de agir e julgar da natureza humana. Deixando claro, então, a busca, inerente em cada homem, pela aprovação de outrem, assim como afirma Attílio (2021):

Estamos sempre em busca da aprovação da sociedade, ainda que ela não seja personificada fisicamente. Buscamos o aval de um ente abstrato. Não basta que sejamos bem-vistos por amigos e familiares, desejamos ampliar o público, ainda que de forma inconsciente, ou às vezes de forma disfarçada (ATTÍLIO, 2021).

Adam Smith nasceu no dia 5 de junho de 1723 em Kirkcaldy, localizada na Escócia, no decorrer de sua vida deu início aos estudos filosóficos em Glasgow, aos 17 anos entrou para o Balliol College da universidade de Oxford.

Dos três anos passados em Glasgow — onde, de acordo com o currículo de Humanidades da época, iniciou o estudo dos clássicos greco-romanos,

Matemática, Teologia e Filosofia — o fato mais importante a destacar é a grande influência sobre ele exercida por Francis Hutcheson, um dos maiores teóricos protestantes da Filosofia do Direito Natural, então Professor de Filosofia Moral em Glasgow (CANNAN, 1996, p. 5).

Após 8 anos, o então filósofo começou a dar aula em Edimburgo, capital da Escócia, neste contexto, conheceu o filósofo empirista David Hume (1711-1776), e se tornaram grandes amigos. Este acontecimento proporciona para a teoria de Adam Smith relevante influência, principalmente em sua obra “Teoria dos sentimentos morais”. Desse modo, mais tarde, em 1759, o escocês publica o supracitado trabalho.

(...) parte inicial de um ambicioso projeto literário que pretendia cobrir todas as áreas tratadas em seu curso de Filosofia Moral e que incluiria ainda um tratado sobre princípios de economia e política econômica (CANNAN, 1996, p. 7).

Com esta obra, o autor fica reconhecido intelectualmente em Paris e, por conseguinte, viaja por toda a França e Suíça. Nessa conjuntura, teve a oportunidade de conhecer grandes pensadores como Voltaire e François Quesnay. Já de volta em Kirkcaldy, inspirado assim por esses encontros e vendo os novos pensamentos, o Filósofo e economista, em 1776, publica sua principal obra “A riqueza das nações”. Após alguns anos em sua cidade natal, Adam Smith, morre no dia 17 de julho de 1790.

2.2 INFLUÊNCIA DE DAVID HUME

Adam Smith desenvolve seu pensamento após uma longa formação. No decorrer de sua vida vimos que ele ocupou a cadeira de seu antigo professor, Francis Hutcheson (1694-1746), assim, ele em primazia dá continuidade à filosofia moral de seu estimado mestre.

Hutcheson, em seu modo de pensar, percebia que era inerente ao homem a busca do prazer proporcionada pela aprovação, de nossos semelhantes, em relação a nossa conduta.

O homem, segundo ele, é dotado de disposições práticas para a virtude implantadas em sua natureza, de instintos benevolentes e de motivos adicionais de interesse tais como a honra e a compaixão. Estamos determinados por um sentido moral a dirigir nossas ações e com isso sentirmos ainda mais nobres prazeres, “de modo que, enquanto estamos pretendendo apenas o bem de outrem, estamos promovendo, de forma não premeditada, o nosso próprio bem privado”. O filósofo esclarece que o sentido moral não supõe ideias inatas, conhecimento ou proposições práticas, mas uma determinação do espírito humano de receber as simples idéias de aprovação ou condenação. Aos que criticam a natureza oculta da

suposta determinação natural para aprovar e admirar, ou odiar e detestar ações (BRUTTI, 2010, p. 1).

Na análise da conduta e partindo do pressuposto herdado de seu ex-professor, Adam Smith traz o conceito de Simpatia, que se assemelha ao de seu amigo David Hume, que em suma é a capacidade de se colocar no lugar do outro. Colocando como um dos princípios do modo de julgar parte justamente deste conceito aportado por ambos.

É a aprovação reflexiva dos motivos sociais que torna a ênfase na avaliação importante para os teóricos do sentido moral. Mas ao invés de apelar para um sentido moral inato que reflexivamente aprova a benevolência, Hume argumenta que a simpatia, nossa capacidade natural de participar nas dores e prazeres alheios, é a fonte para a nossa aprovação moral de uma variedade de virtudes. Hume considera como um benefício evidente de sua abordagem que a fundamentação dos 23 sentimentos morais na simpatia pode acomodar um amplo escopo de virtudes: as virtudes convencionais da justiça e da etiqueta, virtudes relacionadas a nós mesmos [self-regarding], e até mesmo alguns talentos e algumas virtudes imediatamente agradáveis como espíritosidade ou eloquência, bem como as virtudes sociais reconhecidas por seus predecessores na teoria do sentido moral. O apelo para a simpatia também significa que Hume precisa explicar como nós corrigimos e cultivamos nosso “gosto moral” [moral taste]. Sua explicação da cultivação dos nossos gostos morais engendra uma concepção do conhecimento moral como produto de reflexão compartilhada e conversação (TAYLOR, 2006, p. 277).

Hume (1776), em seus escritos, tentando compreender o entendimento humano, baseado na ideia de simpatia, salienta que o ser humano tem essa capacidade de pensar e perceber aquilo que outrem sente, entretanto nunca na mesma intensidade. Os acontecimentos, os pensamentos e os sentimentos originais percebidos pelo sofredor serão sempre mais intensos e verdadeiros. Sob esse viés, no pensamento do empirista escocês, que mais tarde aparecerá no pensamento de Smith, sempre conseguiremos imaginar a dor alheia ou até mesmo de lembranças, entretanto em um grau menor.

Um homem à mercê de cólera é estimulado de maneira muito diferente da de um outro que apenas pensa nessa emoção. Se vós me dizeis que certa pessoa está amando, compreendo facilmente o que quereis dizer-me e formo uma concepção precisa de sua situação, porém nunca posso confundir esta idéia com as desordens e as agitações reais da paixão (HUME, 1999, p. 35).

Assim, Hume (1776) também mostra que nossas condutas são influenciadas por sentimentos e coisas exteriores a nós e que no fundo buscamos ser aprovados por aqueles que estão em nossa volta. Desta maneira, podemos notar que Smith herda deste pensador a noção de que a medida de juízo moral não seria transcendente ao ser humano, mas imanente nele mesmo, o homem é sua própria medida, principalmente da noção de bom e mal.

Do mesmo modo, nossos julgamentos e avaliações morais não são referidos a um padrão transcendente do que é intrinsecamente bom ou mal, mas derivam integralmente dos sentimentos de aprovação ou desaprovação que experimentamos diante de certas ações, comportamentos e inclinações, e das consequências práticas dessas avaliações para o bom funcionamento da sociedade (HUME, 2003, p. 11).

3 O MODO DE JULGAR DE ADAM SMITH

3.1 O PRINCÍPIO DA SIMPATIA

Adam Smith compreende, no decorrer de sua obra primária, a necessidade da interação entre os seres humanos. Ele vai dizer que o homem por natureza se interessa na vida alheia, ou seja, ele tem imanente em si a capacidade de se colocar no lugar do outro. Sob essa perspectiva, percebe-se que nenhum sujeito é, ou pode ser, inteiramente indiferente com a fortuna ou desgraça de outrem.

Por mais egoísta que se suponha o homem, evidentemente há alguns princípios em sua natureza que o fazem interessar-se pela sorte dos outros, é considerar a felicidade do outro necessária para si mesmo, embora nada extraia disso senão o prazer de assistir a ela (SMITH, 1999, p. 5).

Para defender essa teoria, Smith (1999) cita vários exemplos, nos quais uma pessoa, quando exposta a uma ação, desfruta de um sentimento, sendo este positivo ou negativo, e um espectador ao ver a cena tende a ter, a partir da imaginação, um sentimento semelhante. O termo usado por ele para traduzir este pensamento é a “Simpatia”, que por sua vez ganha o mesmo significado que “solidariedade”, que de acordo com o dicionário da língua portuguesa “é um laço ou um vínculo recíproco de pessoas ou coisas independentes” (AURÉLIO, 2010).

Submetido a esse sentimento e à busca por essa noção de reciprocidade o homem, a partir da vivência, se coloca na situação que o outro se encontra

Pois, assim como sentir uma dor ou uma aflição qualquer provoca a maior tristeza, do mesmo modo conceber ou imaginar que estamos sofrendo provoca certo grau da mesma emoção, na medida da vivacidade ou embotamento dessa concepção. Que essa é a fonte de nossa solidariedade para como a desgraça alheia, que é trocando de lugar, na imaginação, com o sofredor que podemos ou conceber o que ele sente ou ser afetado por isso (...) essas circunstâncias que produzem tristeza ou dor não são as únicas que provocam nossa solidariedade. Seja qual for a paixão que proceda de um objeto qualquer na pessoa primeiramente atingida*, uma emoção análoga brota no peito de todo espectador atento ao pensar na situação das outras (SMITH, 1999, p. 7).

Entretanto, vale ressaltar que não são todas as paixões que provocam em nós um sentimento semelhante. O autor escocês deixa isso bem claro quando fala do sentimento da ira, que ocasiona ações violentas. Tal emoção provoca no espectador um sentimento de reprovação, para com o agressor, e de simpatia, para com a vítima.

Desta maneira, sendo inato ao homem o sentimento de se simpatizar, nota-se um outro estágio presente na vida em sociedade: a simpatia mútua, na qual ambos se solidarizam. Em outras palavras, quando duas ou mais pessoas tem um sentimento de reciprocidade.

No seu escrito, o filósofo escocês menciona o exemplo de como se nota essa “simpatia mútua”, quando afirma que um sujeito ao contar uma piada pela qual tem grande apreço, espera que o ouvinte tenha a mesma reação, contudo, se ele não gosta da piada contada, o locutor tende a se sentir frustrado, pois não tem alcançado o prazer esperado. O mesmo acontece em outro exemplo, no qual um homem tem esse desprazer ao tentar animar uma reunião, porém nota que ninguém, além dele mesmo, manifesta alegria diante de seu feito.

Percebe-se, portanto, que é a partir da simpatia mútua que o sujeito sente um prazer diante de qualquer situação, o contrário provoca um desconforto. Assim sendo, o homem irá buscar nas relações interpessoais a simpatia de outrem, que vai proporcionar um sentimento de aprovação.

Portanto, aprovar as paixões de um outro como adequadas a seus objetos é o mesmo que observar que simpatizamos inteiramente com elas; e não aprová-las como tal é o mesmo que observar que não simpatizamos inteiramente com elas (SMITH, 1999, p. 15).

3.2 A BUSCA POR APROVAÇÃO DE NOSSAS CONDUTAS

A Teoria dos sentimentos morais traz contida em si, como ponto central, o julgamento moral, nesse sentido, Smith diz que, a partir da análise do comportamento do outro, o indivíduo julga o ato como certo ou errado. Isto é proporcionado a partir da conveniência ou inconveniência da ação. O julgamento sempre é feito permeando os afetos e as paixões do outro em relação aos nossos, pelos quais se percebem suas concordâncias e discordâncias. Este julgamento é mediado pela observância da harmonia e da reciprocidade das sensações entre os indivíduos.

A conveniência de uma ação parte do prazer proporcionado pela mútua simpatia, seja esta em maior ou menor grau, ou seja, quando autor e espectador gozam das mesmas paixões, emoções e sentimentos. Desta maneira, o espectador, em seu julgamento moral, considerá-lo-á justa. Sendo assim, o sujeito não julga somente as ações do outro, mas também as suas próprias, já que compartilham de emoções semelhantes.

Toda a faculdade de um homem é a medida pela qual ele julga a mesma faculdade em outro. Julgo sua visão por minha visão, seu ouvido por meu ouvido, sua razão por minha razão, seu ressentimento por meu ressentimento, seu amor por meu amor, não possuo nem posso possuir nenhum outro modo de julgá-las (SMITH, 1999, p. 18).

Desta maneira, a simpatia mútua é um medidor de aprovação e desaprovação, primeiramente das paixões e por conseguinte das ações. Em outras palavras, o modo como o espectador reage diante das paixões e ações influenciam os mesmos.

Um indivíduo que faz ou sente o mesmo que um outro não pode julgar sua ação, senão, sensata. Por outro lado, se um indivíduo, sente ou faz algo diferente de um outro, julga esta como incorreta. Nas palavras de Smith: “Aprovar as opiniões de outros homens é adotar essas opiniões, e adotá-las é aprová-las” (SMITH, 1999 p. 16).

O filósofo escocês, a partir da teoria dos sentimentos morais, assume o abandono da razão como critério de julgamento e adota os sentimentos. Embora a razão participe da consideração sobre regras de moralidade, Adam Smith afirmava que as percepções primárias sobre certos e errado em cada situação são dadas pelo sentimento imediato e não pela razão. (CABRAL, 2018, p. 6) Na obra ele explicita que agimos de acordo com aquilo que sentimos, isto é, nossas ações brotam das nossas paixões.

Já se observou que o sentimento ou afeto do coração do qual procede toda a ação, e o qual depende toda a sua virtude ou vício, pode ser considerado sob dois diferentes aspectos, ou segundo duas diferentes relações: primeiro, em relação com a causa ou objeto que o suscita; segundo, em relação ao fim que se propõe, ou o efeito que tende a produzir: da adequação ou inadequação, da proporção ou desproporção ou deselegância da ação consequente; dos efeitos benéficos ou dolorosos que o afeto propõe ou tende a produzir depende o mérito ou demérito, o bom ou o mau merecimento da ação que tal afeto provoca (SMITH, 1999, p. 81).

Nesta visão moralista, o homem não tem como primícia do julgamento a consequência da conduta, mas aquilo que levou o sujeito a ter determinado proceder, já visto no decorrer do artigo que são os sentimentos, as paixões. Em outras palavras, o sujeito aprova uma conduta se simpatiza com os sentimentos que levaram o autor a agir de

determinada forma, este não racionaliza ou pensa nas consequências que se seguirão de tal ação.

Assim sendo, os variados sentimentos têm o poder de estabelecer o nosso comportamento, concomitantemente, o sentimento acaba sendo o bojo para se aprovar ou desaprovar o modo de agir.

Em consonância a este julgamento, o espectador refletirá se tal ação deve ser recompensada ou castigada de acordo com a simpatia que sente referente ao sentimento alheio. Tal castigo, denominado para a ação desaprovada, parte do mesmo princípio do código Hamurabi que é “o primeiro código de leis escrito na história e se baseia na Lei de Talião, ou seja, a punição do criminoso deveria ser semelhante ao delito cometido” (BRASIL ESCOLA, 2020).

Entretanto, ao refletir se a ação deve ou não ser punida há uma análise para perceber se esta é merecedora. Então, o moralista medita se tal ação seria julgada da mesma maneira pela maioria das pessoas. Vai dizer Smith:

A nós, sem dúvidas, parecerá merecedora de recompensa a ação que todos os que conhecem desejariam recompensar, e por isso se alegram em ver recompensada; e com a mesma segurança parecerá merecedora de punição a ação com que se zangam com todos os que dela têm conhecimento, e, por tal motivo lhes regozija vê-la punida (SMITH, 1999, p. 84-85).

Assim, a partir da teoria dos sentimentos morais, é notório que o espectador toma uma posição diante das ações. Mesmo que não expressando, o sujeito julga a ação e os participantes, isso fica claro pois esta é a natureza do homem.

Para compreender essa ideia, Smith traz o exemplo de uma briga: se simpatizamos com os sentimentos do agressor, estaremos contrários e não simpatizamos com os que sofrem a ação, e se simpatizamos com o sofredor não podemos ter o mesmo afeto para com o autor.

Segundo, digo que sempre que a conduta do agente parece obedecer inteiramente a motivos e afetos que compreendemos e aprovamos de todo, não temos nenhuma espécie de simpatia com o ressentimento do sofredor, por maior que possa ter sido o dano a ele feito (SMITH, 1999, p. 88).

Assim sendo, só podemos ter algum tipo de ressentimento ou desaprovar as atitudes do autor, se experimentarmos os sentimentos do sofredor e assim renunciar qualquer tipo de simpatia para com o agente, concomitantemente com os sentimentos que o influenciaram. Desta maneira, podemos dizer que a aprovação de uma conduta nasce dessa simpatia direta com os associados a ação e seus sentimentos.

Entretanto, as ações benéficas são mais sujeitas a aprovação que as ações de cunho violento. O ser humano então busca viver praticando a beneficência, ou seja, em busca da aprovação alheia, tende a efetuar boas ações, nas palavras de Smith:

Embora a mera ausência de beneficência não pareça merecer punição por partes dos iguais, as maiores práticas dessa virtude parecem merecer a mais alta recompensa. Uma vez que produzem o bem maior, são objetos naturais e aprovados da mais viva gratidão (SMITH, 1999, p. 101).

Segundo o filósofo, a conduta má causa horror ao próprio agente, que após a paixão saciada reflete sobre seu ato, e tendo em torno de si pessoas que o repudiam e expressam sentimentos de ódio, alimenta em si mesmo os mesmos sentimentos. Vai dizer ainda que a ação mais negativa que o homem pode fazer é a de tirar a vida de um outro sujeito, assim, “Simpatizando com o ódio e horror que outros homens cultivam por ele, torna-se, em certa medida, objeto de seu próprio ódio e horror” (SMITH, 1999, p.105).

O homem que se sente totalmente desprezado por outrem, por sua má conduta, vai querer, por hora, se afastar de todos, pois já não tem o prazer do sentimento que traz a mútua simpatia, ademais, a solidão o faz sofrer mais do que a própria rejeição. O contrário acontece com o sujeito que em determinada conduta benéfica tem a amizade e a simpatia de todos, este é aplaudido e conseqüentemente motivado.

O filósofo escocês, na obra, tenta chegar a formar de pensar o modo de julgamento do homem. No decorrer deste escrito vai chegar, então, à conclusão de que o homem, além de procurar a aprovação dos outros, tendo eles como juízes de sua ação, tem também a si próprio como juiz. Tal fato parte do princípio da capacidade do sujeito de se colocar no lugar da outra pessoa, assim sendo, o próprio sujeito aprova ou desaprova sua conduta ao perceber o que influenciou o seu modo de agir.

Como diz o filósofo Protágoras, “o Homem é a medida de todas as coisas”, nestas coisas está a moral de seu modo de jogar. Surge então, na filosofia de Smith o “Espectador”.

Esta imagem, muito comum entre os filósofos éticos britânicos, exprime a capacidade que o ser humano teria de distinguir o certo do errado. Seria uma espécie de termômetro interno ou consciência, que compatibilizaria o auto-interesse com o bem-estar coletivo (BIANCHI, 2005, p. 03).

O espectador em sua visão é aquele que consegue observar e avaliar, através da conduta alheia, o que o próprio homem pode classificar como correto ou incorreto.

Os juízos desse espectador estão calcados na simpatia ou repulsa que somos naturalmente capazes de sentir em relação a outros seres humanos. Não se trata, porém, de uma moral de foro íntimo como a de Jean-Jacques Rousseau. É, antes, como em David Hume (de quem, aliás, Smith foi grande amigo): uma moral do sentimento, comum a todos os seres humanos e que desempenha um papel eminentemente prático (EXAME, 2012).

Para compreender melhor, esse espectador é nada mais que uma consciência individual alcançada pelo homem, esta atua sobre a conduta da pessoa e avalia a forma como tal ação atinge os outros. É como se fosse um espelho que reflete a si mesmo nas relações interpessoais.

Examinamos membro a membro nossa pessoa, e, colocando-nos diante de um espelho, ou por algum outro expediente, tentamos o mais possível nos ver à distância com olhos de outros. Se depois dessa inspeção ficamos satisfeitos com nossa aparência, poderemos suportar mais facilmente os mais adversos juízos alheios (SMITH, 1999, p. 141).

O autor tenta mostrar, então, que o sujeito se coloca sob seu próprio juízo moral, não fazendo aquilo que não deseja ser sofredor, ou seja, se coloca na ação antes de praticá-la. Nossa crítica, em primazia, é feita em relação às condutas de um outrem, por conseguinte, somos capazes de notar como elas nos afetam. Nesta perspectiva, qualquer espectador, diante das nossas condutas, tem a mesma reação, assim sendo, somos igualmente colocados sob um julgamento. Sob esse viés antes de qualquer ação, o homem, buscar compreender como será julgado. Não querendo ser produto de ressentimento e desaprovação, deixará de fazer aquilo que planejava se ao seu ponto de vista não trará aprovação e aplausos.

Ansiamos por saber em que medida merecemos sua censura ou aplauso, e se perante elas necessariamente mostramo-nos tão agradáveis ou desagradáveis como elas perante a nós. Começamos, pois, a examinar nossas próprias paixões e condutas, e considerar o que devem parecer aos outros, pensando o que a nós nos pareceriam se estivéssemos em seu lugar. Supomo-nos espectadores de nosso próprio comportamento, e procuramos imaginar o efeito que, sob essa luz produziria sobre nós (SMITH, 1999, p. 141-142).

Mediante a tudo que já foi dito, observarmos que por detrás do julgamento moral está a simpatia, a busca por aprovação, a reciprocidade dos afetos e sentimentos, por isso temos a necessidade de julgar o próprio modo de agir, para assim notar se seremos aprovados, ou seja, se diante das nossas ações o outro tem os mesmos sentimentos e paixões, e se assim for, ele também agiria da mesma forma.

A simpatia possibilita se colocar no lugar do outro e avaliar se sua ação é adequada ou não, correta ou errada, merecedora de aplausos ou de censura.

Por conseguinte, para Smith a simpatia não é apenas a possibilidade de sentirmos um afeto pelas paixões doutrem, mas sim a possibilidade de

reproduzimos em nós mesmos as paixões do sujeito. E com isso ela se torna fundamento de toda a sociabilidade, pois, quando agirmos, levaremos em consideração não apenas os sentimentos de quem foi objeto de nossa paixão, mas também os afetos de terceiros, que ao ver nossa atitude se colorará no lugar do objeto, se sensibilizará com ele e julgará nossa ação. (PASSOS, 2006, p. 21).

Todo julgamento, assim, será mediado pela necessidade de aprovação, inerente ao homem simpático. No fundo, como vemos no decorrer de teoria dos sentimentos morais, o sujeito busca nos outros algo naquilo que influencia sua conduta ao que o corresponda, pois isto gera prazer e o impulsiona.

Quando criou o homem para a sociedade, a natureza o dotou de um desejo original de agradar, e de uma aversão primaria de ofender seus irmãos. Ensinou-o a sentir prazer com a opinião favorável deste, e a sofrer com a opinião desfavorável. Tornou a aprovação dos semelhantes em si mesma muito lisonjeira e agradável a ele, e sua desaprovação muito mortificante e ofensiva (SMITH, 1999, p. 146).

Em outras palavras, concluindo este pensamento, o Homem está sempre em busca da aprovação de seus semelhantes, pois isso é o que o faz sentir-se bem. Encontrar outro sujeito do qual compartilha as mesmas intenções, sentimentos, paixões e afetos, traz para ele a mais plena satisfação. Assim sendo por detrás de seu modo de agir e de tomar as coisas como verdade e de seu modo de julgar sempre estará essa mesma busca.

Segundo alguns, o princípio da aprovação se fundamenta num sentimento de natureza peculiar, num poder especial de percepção que o espírito exerce na presença de certas ações ou afetos; alguns deste afetam essa faculdade de modo agradável, outros, de modo desagradável; os primeiros ficam marcados com os caracteres de certo, louvável e virtuoso, os outros, com os de errado, censurável e vicioso (SMITH, 1999, p. 399).

4 A BUSCA POR APROVAÇÃO AINDA HOJE

Como percebemos, a teoria de Adam Smith tenta desvelar a conduta humana, chegando à ideia de que o homem tem a necessidade de aprovação, tanto em sua conduta quanto em suas paixões e sentimentos. O filósofo escreve isso no ano de 1759 e ainda hoje é tão comum.

Todas as pessoas possuem certo grau de necessidade de serem aprovadas pelos outros. Isto surge devido a nosso instinto de sobrevivência inato pois, em tempos passados, pertencer a um grupo e não ser expulso era crucial para sobreviver (SILGADO, 2021).

Como vimos, está inerente ao homem a sua necessidade de viver em sociedade, por isso ele não se preocupa somente com si próprio, mas com aqueles que estão a sua

volta, e, tendo consciência disso, buscará a todo instante a aceitação para que seja incluído no grupo ou mesmo no local desejado.

Ter a sua conduta aprovada, aplaudida e adotada por aqueles que o circundam desperta no sujeito um aprazimento, já dito anteriormente pelo filósofo escocês.

Nessa perspectiva, percebemos que, quando o homem age, sempre terá em seu subconsciente a imaginação de que está sendo avaliado por outro. Nessa condição, o sujeito busca a aprovação com a necessidade de não querer ser excluído, mas aceito no grupo. Assim, o indivíduo agirá de forma que seus espectadores aprovelem ou aceitem esta conduta. Sob o pensamento de Smith, podemos dizer que ele agirá de forma que desperte no outro sua simpatia.

Sob esse contexto, o homem tem uma desejabilidade social, ou seja, após experienciar tal sentimento é motivado a agir de determinada forma, pois sabe que após essa ação será recompensado com a aceitação de outrem, e sua conduta não será motivo de rejeição. Em caso contrário, terá um sentimento totalmente reverso se sua ação for reprovada, assim, contará com a rejeição e o desprezo dos demais a sua volta.

A desejabilidade social, que consiste num dos tipos de enviesamento de respostas, pode ser classicamente definida como uma tendência presente nos sujeitos para atribuírem a si próprios atitudes ou comportamentos com valores socialmente desejáveis e para rejeitarem em si mesmos a presença de atitudes ou comportamentos com valores socialmente indesejáveis (ALMIRO, 2017, n.p.).

Agir de forma com que a sociedade espera ou mesmo que nos dá a ideia de aprovação ganha força e se torna ainda mais visível no atual contexto com o avanço tecnológico, fazendo assim com que o campo virtual se torne cada vez mais acessado por crianças, jovens e adultos.

O uso das redes sociais no Brasil tem aumentado a cada ano, em consequência do aumento dos usuários com acesso à internet. Um levantamento divulgado em 2018 pelo IBGE aponta que sete a cada dez brasileiros estão conectados à rede. Os dados consideram 181,1 milhões de brasileiros, com 10 anos ou mais (WEBCOMPANY, 2021, n.p.).

Tomando consciência disso e percebendo que as redes sociais se tornaram essenciais e indispensáveis à vida humana, se chega à conclusão de que a dimensão virtual é contada como local de ação e conduta onde se pode manifestar suas ideias, opiniões e pensamentos. “Quando o cotidiano se desdobra em cotidiano virtual, o campo da ação humana não é mais apenas um. Agimos corporalmente no mundo analógico, mas agimos digitalmente no universo virtual” (TIBURI, 2017, p. 108).

No ano de 2019, invadia o mundo todo um novo vírus, Covid-19, este por sua vez foi tão contagiante que obrigou toda a população mundial a se abrigar em suas casas e a evitar o contato físico. As pessoas sem poderem sair de seus lares fizeram com que as redes sociais fossem o único meio de se comunicarem e de se expressarem.

Com este impasse, a era cibernética deu um grande salto no Brasil e os brasileiros também adotaram a tecnologia para não perderem contato com as pessoas. Por este fator, as telas se tornaram o lugar de atuação dos seres humanos e principal campo de expressar suas condutas. Um exemplo disso foram as *lives* de artista de vários gêneros que atraíam milhões de pessoas, debates e divergências de ideias, ações solidárias, crescimento de aplicativos de vídeos, trabalho *home office* etc. Em suma, notamos que a vida do homem passou a acontecer em grande proporção ligada a forma online, de maneira idêntica sua busca por aprovação.

Como vimos a partir de Smith, está inerente à natureza humana sua condição de viver coletivamente. O próprio filósofo Aristóteles afirma essa necessidade.

Não menos estranho seria fazer do homem feliz um solitário, pois ninguém escolheria a posse do mundo inteiro sob a condição de viver só, já que o homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade (ARISTÓTELES, 1973, p. 18.).

A dimensão virtual não é antagônica a isso, nela se conecta milhões de pessoas com suas diversidades. O fácil contato proporcionado pela tecnologia favorece o relacionamento entre elas.

Nestes encontros virtuais, bem como nos reais, surge o que o nosso filósofo denomina como “simpatia mútua”. É justamente o encontro de pessoas que pensam da mesma maneira, que diante das situações compartilham das mesmas paixões, que contribui para uma boa relação também nas redes sociais.

Em vista disso, é indubitável que no contexto virtual da atual conjuntura a manifestação desta simpatia mútua se expressa por curtidas, compartilhamentos e comentários. Os usuários têm como critério de aprovação o maior número dessas expressões, ao modo de que, se não se chega à meta, se sentem rejeitados ou desaprovados e escolhem excluir determinada publicação.

A presença de um espectador, visto na teoria dos sentimentos morais, que assiste e julga as ações aparece aqui como estes usuários que distribuem e reagem àquilo que outrem coloca em suas redes. Como Smith (1999) traz em seus escritos, o homem

busca a simpatia mútua, um sentimento recíproco tendo isso como base de aprovação, mas agora projetada no meio virtual e denominada como curtidas, que geram a noção de capital social dos indivíduos, que de acordo com sociólogo e filósofo Bourdieu (1985, p. 248-249) é “[...]definido como o agregado dos recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo”. Dito isto, os indivíduos ainda hoje necessitam e têm uma dependência emocional para alcançar um prazer, por isso, demandam atenção de sua rede e assim da aceitação da sociedade, e, desse modo, procuram a aprovação dos demais baseado pelos comentários, compartilhamentos e curtidas, para se sentirem incluídos.

Nas linhas gerais, Adam Smith afirma que o critério para julgar é dado a partir dos sentimentos. Os indivíduos aprovam aquilo que é coerente ao seu sentimento e que a partir da simpatia e da observação percebe que teria a mesma conduta que o autor. Esta teoria exprimida em sua obra, pode ser observada naquilo que falamos até aqui. Portanto, o homem no fundo irá reagir positivamente somente perante aquilo que proporciona o mesmo sentimento que o autor sentiu, ao contrário, será indiferente ou reagirá com reação negativa e reprovação, chegando até a máxima punição no campo virtual o “cancelamento”.

No entanto, frequentemente, no ambiente cibernético, as manifestações contra comportamentos considerados errados convertem-se em um linchamento virtual contra a pessoa responsável pelos atos, como uma forma de punição e uma maneira de realizar a justiça social. Como todos os indivíduos são suscetíveis a cometerem erros, inúmeras pessoas estão sendo “canceladas” no meio digital (POLITIZE, 2021, n.p.).

Urge que, no campo moral, o Homem busca aprovar ações que seriam semelhantes a suas, condutas influenciadas por suas paixões e pensamentos, se isto não ocorre o sujeito pode ser punido e rejeitado. Tendo como isso uma realidade de seu maior desprazer. Nesta perspectiva, ainda hoje percebemos a faculdade dos sentidos e sentimentos como primordial ao juízo moral deixando a razão de escanteio.

Encontramos este fato, na sociedade vigente, em um estado crescente no campo virtual. O homem usa de sua faculdade dos sentidos e dos sentimentos como primordial para o juízo moral e põe em segundo plano a faculdade da razão. Prova disso, é o aumento significativo das Fake News, notícias falsas que ganham grandes proporções no mundo virtual e real. Nas palavras de Siqueira (2019) “o termo, como

utilizado hoje, refere-se a informações, não verídicas, disseminadas por meios digitais, e que ganham amplitude por conta de seu conteúdo.”

Sob esse viés e tendo como base a Teoria dos sentimentos morais, podemos afirmar que a busca por aprovação e do prazer, proporcionado pela simpatia mútua, ultrapassa a vida real, e com a evolução, chega ao virtual. Este novo ambiente ganha corpo, e a principal matéria das publicações divulgadas se configura como julgamento da conduta e da ação do outro. Um exemplo de tal afirmação são as eleições deste ano, em que se teve divulgação de notícias e publicações falsas em um maior grau. Fatos de temas como: aborto, ideologia de gênero, criminalidade, religião, fraude e corrupção tomavam conta das redes e eram compartilhadas sem nenhum tipo de verificação.

De acordo com dados divulgados pela CNN Brasil, em nosso país, quatro em cada 10 pessoas afirmam receber notícias falsas todos os dias. De acordo com esses dados podemos concluir que a maior parte das pessoas não verificam aquilo que recebem e muitas vezes compartilham tecendo uma crítica anexa. Esta crítica se dá a partir de seu juízo moral que se baseia nas paixões e sentimentos gerados a partir conduta e ação. Tomar essas fakes news como verdades após o sentimento de simpatia com os daqueles que as publicou é justamente o que Smith chamaria de “simpatia mútua”, ocorrida aqui entre os usuários da rede.

Assim sendo, este modo de julgar, pensado por Adam Smith, que leva em conta os sentimentos e não se preocupa em ocupar-se da razão para julgar um fato como certo ou errado, sujeito à aprovação ou desaprovação, censura ou aplausos, vem se tornando tão atual que é perceptível na formação da pós-verdade.

Pós-verdade foi eleita a palavra do ano em 2016 pelo Dicionário Oxford. De acordo com o Dicionário Oxford, pós-verdade é: um substantivo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e crenças pessoais”. A explicação da palavra pós-verdade de acordo com o Oxford é de que o composto do prefixo “pós” não se refere apenas ao tempo seguinte a alguma situação ou evento – como pós-guerra, por exemplo –, mas sim a “pertencer a um momento em que o conceito específico se tornou irrelevante ou não é mais importante”. Neste caso, a verdade. Portanto, pós-verdade se refere ao momento em que a verdade já não é mais importante como já foi (POLITIZE, 2017, n.p.).

Na teoria de Smith, bem como vamos ver agora, no surgimento de uma pós-verdade o peso maior de julgamento está destinado aos sentimentos e ambos buscam uma simpatia mútua, para aprovar aquilo que se depara. Ou seja, assim como pensava o

filósofo escocês, hoje ainda temos os sentimentos como critério de julgamento, levamos em conta aquilo que sentimos. Deste modo iremos aprovar aquilo que vai ao encontro de nossas emoções e assim também pessoas que pensam o mesmo que nós e desaprovamos o contrário. No fundo deixamos de analisar os fatos e passamos a analisar somente os sentimentos que tal acontecimento proporciona, exatamente o que acontece atualmente no contexto virtual, diante de uma publicação não nos preocupamos em investigar os fatos, se aquilo que vejo está de acordo com o que pensamos ou sentimos.

O valor ou a credibilidade dos meios de comunicação se veem reduzidos diante das opiniões pessoais. Os acontecimentos passam a um segundo plano, enquanto o “como” se conta a história ganha importância e se sobrepõe ao “o quê”. Não se trata, então, de saber o que ocorreu, mas de escutar, assistir, ver, ler a versão dos fatos que mais concorda com as ideologias de cada um (LLORENTE, 2017, p. 9.).

Um exemplo claro e atual foram as eleições deste ano, em especial o segundo turno, no qual eleitores dos dois partidos apossavam-se de informações falsas e as defendiam como verdadeiras, não se preocupando em verificar as fontes.

A questão não é determinar a verdade por meio de um processo de avaliação racional e conclusiva. Você escolhe sua própria realidade, como se escolhesse comida em um bufê. Também seleciona sua própria mentira, de modo não menos arbitrário (D'ANCONA, 2018, p. 56).

Adentrando o pensamento manifestado na Teoria dos sentimentos morais, podemos dizer que os eleitores do partido de direita, ao se depararem com uma publicação que julgava ou trazia uma conduta negativa de seu opositor, iriam compartilhar e até mesmo adotar esta ideia pois este simpatiza com aquilo que a publicação aborda, pois os eleitores também tinham um sentimento negativo intrínseco em relação ao outro candidato. Do mesmo modo faria um eleitor do partido de esquerda em relação ao candidato opositor. Ou seja, os eleitores aprovavam o seu candidato e suas condutas pois compartilhavam dos mesmos sentimentos, acontecia entre eles a simpatia mútua, e desaprovavam o outro, formando as pós-verdades e sendo sujeitos propagadores de fake news, pois não compartilhavam dos mesmos sentimentos

Como Barack Obama afirmou em seu discurso de despedida, em janeiro de 2017: “Nós nos tornamos tão seguros em nossas bolhas que começamos a aceitar apenas informações, verdadeiras ou não, que correspondem as nossas opiniões, em vez de basearmos nossas opiniões nas evidências que estão por aí” (D'ANCONA, 2018, p. 52).

Há, então, uma relativização daquilo que é considerado digno de aprovação, não a partir daquilo que é comprovado com a realidade, mas a partir das convicções que as pessoas têm.

Assim sendo, tanto no modo de julgar abordado por Smith, como na pós-verdade, aprova-se aquilo que se acredita. Quando a conduta reforça as paixões do espectador, este a julgará como necessária de recompensa, de compartilhamento e de curtidas; por outro lado, é punida e cancelada quando apresenta um ponto de vista diferente. Nesta perspectiva, as emoções superam os fatos objetivos no julgamento moral da conduta e da verdade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trouxemos no início deste trabalho e percebemos que ainda é um impasse pensar na questão: como a necessidade de aprovação inerente ao homem influencia sua conduta moral? Entretanto, no presente artigo abordamos o modo de julgamento a partir da obra filosófica de Adam Smith, transparecendo como principal base a busca e a necessidade de aprovação inerente em cada homem, visto que, em sua perspectiva os sentimentos ultrapassam a razão. Concluímos que os sentimentos são os critérios para a aprovação da conduta humana, pois o sujeito busca sempre aprovar ações que se baseiam em sentimentos semelhantes ao seu e a reprovar atos que destoam de seus sentimentos. No decorrer do artigo conseguimos alcançar os objetivos, deste modo, foi feita a atualização do tema, notando que, com o surgimento da tecnologia, desponta também um novo campo de atuação e, assim, um novo critério de conduta que seria a pós-verdade. Sob esse viés, também na atual conjuntura, é notório que os sentimentos são primórdios não só do julgamento das condutas, mas também da adoção de uma verdade, concomitantemente ao crescimento de fake News – informações que julgam ações alheias, que não são verificadas e tomadas como verdades e, dessa maneira, aprovadas, na visão do filósofo Adam Smith.

Urge, portanto, ressaltar este tema e tal estudo tem grande importância para o campo filosófico, pois aborda de um ponto de vista diferente os possíveis critérios para um julgamento moral, salientando a necessidade de aprovação, encontrada, ainda que inconscientemente, em cada ser humano. Outrossim, se dá a partir da escassez de artigos que abordam a filosofia de Adam Smith e sua relação até não pensada com um tema tão contemporâneo que é a pós-verdade. Assim, continuar esse artigo é

inevitável, pois este traz pensamento e teorias antigas que são atualizadas e questões que têm necessidades de respostas.

REFERÊNCIAS

ALMIRO, P. A. Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas. **Revista Avaliação Psicológica**, vol.16, n.3. Itatiba, jul./set. 2017. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712017000300001 >. Acesso em: 20 out. 2022.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Valandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Vol. IV: Os Pensadores

ATTÍLIO, Lucas. Resenha: Teoria dos Sentimentos Morais (Adam Smith). **Velha Economia**, 2021. Disponível em: <<https://www.velhaeconomia.com.br/2021/01/resenha-teoria-dos-sentimentos-morais.html>>. Acesso em: 21 out. 2022.

BESSA, Liz. Cultura do cancelamento: o que é? **Politize**, 2021. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/cultura-do-cancelamento/>>. Acesso em: 24 out. 2022.

BIANCHI, Ana. SANTOS, Antónia. **Adam Smith: filósofo e economista**, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos, ano 3, nº 35, 2005.

BORDIEU, Pierre. The forms of capital. In.: RICHARDSON, J. G. (Org.). **Handbook of theory and research for the sociology of education**. Nova Iorque: Greenwood, 1985.

BRUTTI, A, Tiago. Sobre o sentimento moral no pensamento de Francis Hutcheson **UNIJUI**, 2010. Disponível em: <<https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/16523/15205>>. Acesso em: 24 out. 2022.

CANNAN, E. Adam Smith. In: **Os Economistas**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996. Disponível em: <<http://www.projetos.unijui.edu.br/economia/files/Adam-Smith-2.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2022

HIGA, C. Código de Hamurabi: **Brasil escola**. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/historiag/codigo-hamurabi.htm#:~:text=O%20C%C3%B3digo%20de%20Hamurabi%20foi,olho%2C%20dente%20por%20dente%E2%80%9D>>. Acesso em: 02 nov. 2022

HUME, D. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MERELES, Carla; MORAES, Isabela. **Notícias falsas e pós-verdade: o mundo das fake news e da (des)informação**. Politize. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/noticias-falsas-pos-verdade/>>. Acesso em: 11 nov. 2022.

HUME, D. **Os pensadores**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

LLORENTE, José Antonio (org.). **A era da Pós-verdade realidade versus percepção. Uno: desenvolvimento e ideias**. São Paulo: Editora Mattavelli, 2017.

TAYLOR, Jaqueline. **“Virtue and the Evaluation of Character”** (in: The Blackwell Guide to Hume’s Treatise, Oxford, Blackwell Publishing Ltd, 2006

O homem é a medida de todas as coisas, Protágoras: O filósofo botou o homem no centro de tudo. **Superinteressante**, 2015. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ideias/o-homem-e-a-medida-de-todas-as-coisas-protagoras/>>. Acesso em: 22 out. 2022.

PASSOS, Eduardo. **“Das Adam Smith Problem” - Uma análise comparativa das obras a Teoria dos Sentimentos Morais e a Riqueza das Nações de Adam Smith**. Monografia submetida ao Departamento de Ciências Económicas para obtenção de carga horária na disciplina CNM 5420. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SCHWARTSMAN, Hélio. Além da economia, com Adam Smith: As bases psicológicas de A Riqueza das Nações. **Revista Exame**, 2012. Disponível em: <<https://exame.com/revista-exame/alem-da-economia-m0048289/>>. Acesso em: 27 out. 2022.

SIQUEIRA, Alessandra. Fake News e o modelo jurídico brasileiro e internacional. **DireitoNet**, 2019. Disponível em: <<https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/10823/FakeNews-e-o-modelo-juridico-brasileiro-e-internacional>>. Acesso em: 03 nov. 2022.

D’ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake News**. Trad. Carlos Szlak. Barueri: Faro Editorial, 2018.